

Felicidade à Venda

Há, ainda, nos dias de hoje, pessoas que acreditam que a felicidade está relacionada às posses materiais. A sociedade atual parece viver um escurecimento progressivo de suas idéias, crenças e valores, numa jornada inversa à da busca da Humanidade pela luz, descrita no mito da caverna de Platão. As pessoas parecem distanciar-se dela cada vez mais, investindo sua energia em conceitos que exigem pouquíssimo esforço intelectual, porém boa capacidade econômica: a valorização da posse em detrimento do valor humano.

Um artista popular de grande sucesso, em especial entre as camadas mais simples e pobres da população, Odair José, já cantava nos anos 70 (seria mera coincidência ser essa a época dos “milagres econômicos” anunciados de peito estufado pela ditadura militar?): “(...) A felicidade não existe, o que existe na vida são momentos felizes (...)”. Três décadas depois do lançamento dessa música, temos o consumo como sinônimo de felicidade, levando-nos a crer que o que existe na verdade são momentos de consumismo. Podemos possuir o último modelo, a tecnologia de ponta e a moda mais atual, mas, assim como a felicidade da música citada, tudo é efêmero. Muito em breve o guarda-roupa estará ultrapassado e a tecnologia defasada. O dinheiro se vai, os objetos se quebram, se acabam, se desgastam, e a falsa felicidade não dura muito mais que as suas representações físicas.

Porém, ao observarmos a Natureza, aprendemos que a mudança é algo positivo; a adaptação a novas condições é essencial para a continuidade da vida. Facilidades do mundo moderno devem ser aproveitadas, por questão de praticidade, conforto, necessidade, e não como meios ordinários de preencher o espaço da insatisfação pessoal ou da vaidade do ser humano.

Autor: *Aline Regina Canhassi Hernandes*

(adaptado do original)